

A ÁGUIA E A RENASCENÇA PORTUGUESA NO CONTEXTO DA REPÚBLICA

ARNALDO DE PINHO E CELESTE NATÁRIO (ORG.)

PORTO: UNIVERSIDADE DO PORTO – UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA, 2011. 88p., il., ISBN 978-972-8932-74-9.

Em 2010 comemorou-se o Centenário da República em Portugal. Por todo o país desenvolveram-se várias atividades, especialmente no âmbito académico, que recordaram o regime político, o período histórico, assim como as figuras que aí se destacaram. Hoje é possível afirmar que dessas iniciativas resultou um vasto conjunto de edições sobre a I República e que se revelam do maior interesse para aqueles que se debruçam cientificamente sobre o tema, tal como para o público em geral.

Uma dessas publicações é «A Águia e a Renascença Portuguesa no Contexto da República» (resultante de uma exposição e de um ciclo de conferências realizadas na cidade do Porto), organizada pelo Grupo de Investigação «Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal» do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, pelo Centro de Estudos do Pensamento Português da Universidade Católica Portuguesa (Centro Regional do Porto) e pela Biblioteca Pública Municipal do Porto.

Esta publicação é constituída por 38 ilustrações que figuraram na referida Exposição e por 7 ensaios assinados por autores (Fernando Catroga, Fernando Guimarães, J. Pinharanda Gomes, António José Queirós, António Cardoso, Paulo Samuel e José Gama) que se têm dedicado ao estudo da cultura e do pensamento contemporâneos.

O referido livro, dado à estampa em 2011, é um contributo para as reflexões históricas e filosóficas em torno do Republicanismo, do movimento cultural da Renascença Portuguesa e do simbolismo da revista «A Águia», colocando-se em evidência o seu papel no panorama político e intelectual português.

No conjunto das colaborações destaco «O Voo d'Águia ao Amanhecer da República», ensaio de Fernando Catroga, Historiador e Professor

Catedrático da Universidade de Coimbra, especialista em História das Ideias, História da Cultura e Teoria da História. Ao longo da sua carreira estudou várias temáticas, das quais o Republicanismo tem ocupado um lugar central, resultando daí várias publicações, das quais merecem destaque: «O Céu da memória. Cemitério romântico e culto cívico dos mortos»; «Entre Deuses e Césares. Secularização, laicidade e religião civil»; «Nação. Mito e Rito»; «Res Publica. Cidadania e Representação Política em Portugal. 1820-1926».

«O Voo d'Águia ao Amanhecer da República» é uma reflexão histórico-filosófica sobre o contexto cultural do Republicanismo cujas origens remontam ao século XVIII, mais concretamente, ao período da Revolução Francesa. Este acontecimento histórico teve profundas repercussões na Europa, no plano das Ideias Políticas e Filosóficas, e acabou por ter a expressão máxima enquanto fenómeno político em Portugal no ano de 1910, quando a I República foi implantada. Por isso, o regime republicano e o contexto histórico que o antecede têm sido estudados tanto por historiadores, como por filósofos, na medida em que representam uma época de grande importância para a História das Ideias. O interesse reside no facto de ser um período de mudança e de rutura, constituído pela emergência de novos paradigmas políticos, económicos, sociais e culturais. Nesta ambiência de mutação ganha relevo o *Intellectual*, que se inicia na participação na esfera pública, chamando frequentemente para si uma missão algo «profética» e redentora. A partir de então, não só os políticos tentam influenciar a opinião pública, mas também os intelectuais, que se manifestam através da escrita. Em todo este processo a imprensa é o instrumento determinante na afirmação deste novo grupo, assim como as edições. O universo

do livro e da leitura experimenta novos tempos numa sociedade em transformação, que os *homens das letras* pensavam transformar.

A reflexão de Fernando Catroga centra-se no contexto do campo cultural português do Republicanismo, na viragem do século XIX para o XX, e aborda a problemática do decadentismo finissecular, fazendo uma análise aos conceitos associados como *crise* e *regeneração*, ideias que estavam presentes no campo cultural e no campo político, assim como na sociedade em geral, que se autopercecionava e autoavaliava em estado de *crise* e/ou de *decadência*. Por isso, durante esse período, os discursos político e literário assumem essa perspectiva dicotómica, tensa e complexa, que balança entre a *decadência* e a *regeneração*, o *velho* e o *novo*, a *tradição* e a *modernidade*. O autor de «O Republicanismo em Portugal. Da Formação ao 5 de Outubro de 1910» demonstra como os conceitos são historicamente mutáveis, que variam de acordo com os factos políticos, sociais e económicos e que são, acima de tudo, instrumentos de legitimação de poder. Catroga reflete sobre a Literatura como um campo de poder, espaço de lutas internas, cujos combates protagonizados pelos escritores ultrapassam as questões estéticas e as concepções filosóficas vigentes. Neste sentido, a ação do intelectual passa a ser uma atividade política e escatológica, na medida em que constrói a memória histórica e discursa sobre o futuro. Os intelectuais assumem o papel de pedagogos na condução das nações e de mestres no diagnóstico dos males e das curas da Humanidade, pelo que as ideias de crise e de decadência estavam associadas a uma concepção de patologia social. Esta questão remete-nos imediatamente para a problemática da relação dos intelectuais com o poder, extensamente desenvolvida ao longo do século XX por vários autores como: Benda, Bobbio, Bordieu, Boudin, Croce, Foucault, Gramsci, Manheim, Mills, Ortega y Gasset e Sartre (ordenados alfabeticamente).

O historiador traz para a sua reflexão o advento do intelectual, as principais ideias

veiculadas e o papel da construção da memória histórica coletiva, assim como as (re)definições em torno da identidade nacional, remetendo-nos desta forma para o nacionalismo literário e cultural europeu. No caso de Portugal, refere o movimento literário da Renascença Portuguesa, o seu significado histórico e filosófico, destacando o Saudosismo enquanto doutrina desenvolvida por Pascoaes. Assim sendo, a *Saudade* foi transformada num símbolo do movimento e, por consequência, num tema polémico que gerou contendas no campo literário, levando à cisão do grupo. Como é bem sabido, a história da Renascença Portuguesa (1912-1932) cruza-se com outros movimentos intelectuais que marcaram a I República, como o Integralismo Lusitano (1914-1932), a revista «Orfeu» (1915) e a Seara Nova (de 1921 à atualidade).

A «Águia», órgão oficial do movimento cultural portuense, era o símbolo de uma nova geração de intelectuais, que tinha por missão fazer renascer Portugal e de criar um «homem novo». O autor também nos leva a refletir criticamente sobre o campo literário, como um campo de poder, no período posterior à revolução liberal em Portugal até ao regime republicano, referindo o uso político das ideias literárias e como os factos políticos têm impacto na produção cultural.

«O Voo d'Águia ao Amanhecer da República» resulta numa reflexão profunda e coerente sobre o universo das ideias que constituíram o decadentismo finissecular e se estenderam à I República, ressaltando o papel dos intelectuais na nova sociedade liberal e tendo por pano de fundo a Renascença Portuguesa. Neste sentido, o ensaio dedicado ao movimento cultural liderado por Teixeira de Pascoaes, Jaime Cortesão e Leonardo Coimbra, poderá ser do interesse de todos os que se dedicam ao estudo dos Intelectuais e da Cultura Portuguesa Contemporânea.